UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTIFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:
https://publicacoes.iel.unicamp.br/descobertas-do-ceu/

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:
©2021 by UNICAMP/IEL/Setor de Publicações : TL 224. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo
CEP 13083-970 – Campinas SP
Fone: (19) 3521-6493
http://www.repositorio.unicamp.br

PREFÁCIO

Gabriel Henrique Appolonio de Lima

Ouvir e ver, percepções elementares do ser humano, são os meios que foram utilizados para iniciar os dois contos dessa coletânea, “Cemitério de estrelas” e “A correnteza solar”. Porém, essas informações trazidas por esses sentidos podem ser consideradas meramente auxiliares para que não só o narrador adentre na trama, mas para que o leitor possa ambientar-se naquilo que é narrado, elevando em conta a totalidade dos referidos textos. Partindo dessa perspectiva, é valido lembrar que essa figura classicamente importante, o leitor, irá desempenhar um papel imprescindível em ambos os contos, seja escolhendo e adotando uma espécie de leitura no texto ficcional da autora Paula Cruciol – próximo ou distante da metafísica –, seja permitindo a existência de outros seres e mundos que estão, de acordo com o próprio narrador de “Correnteza solar”,

"muito longe daqui, muito longe de mim"[1]. Esse interlocutor, além de acompanhar e entender a trajetórias das personagens desses textos, ao final de sua leitura poderá, ainda, ser levado a esquadrinhar suas próprias verdades e valores.

Nesse sentido, como uma possiblidade de análise dos textos presentes nessa obra, pode-se pensar no universo fantástico de Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1776-1822), que foi um ficcionista, compositor musical, diretor de teatro e jurista prussiano. Embora esse autor considerasse o âmbito musical como a profissão ideal, ele seria relembrado, na posterioridade, por suas obras literárias majoritariamente fantásticas – os denominados *Kunstmärchen*, contos artísticos. Esse tipo de texto foi deveras importante para o Romantismo, pois essa corrente acreditava que a Literatura era a expressão da alma popular que, principalmente na civilização europeia, tinha necessidade da fabulação.

[1] cf. p. 37 deste livro.

Ademais da existência do fantástico, há ainda outro aspecto em "Cemitério de estrelas" e "A Correnteza solar" que pode ser alinhado a paradigmas defendidos por E.T.A. Hoffmann. O autor romântico promove, em boa parte de sua bibliografia, duas notáveis dicotomias: a relação entre o mundo poético da Natureza e os ideais prosaicos da burguesia, e a indefinição daquilo que é verídico ou imaginativo dentro do possível em uma obra ficcional. Em convergência, essas duas indagações do autor de "O vaso de ouro" e "O homem da areia" estão, às vezes, interligadas e coexistindo uma em função da outra, tanto sendo parte fundamental do enredo das ficções fantásticas – e, por conseguinte, sendo decisivas para o desfecho –, quanto possuindo um papel secundário em tramas hipercomplexas, que são estabelecidas de uma forma exímia por Hoffmann.

Nesse contexto, os contos presentes nessa coletânea trazem em sua narrativa, os dois pontos defendidos pelo autor prussiano: um véu que cobre a realidade com fantasia, proporcionando indefinição daquilo que é verídico ou imaginativo, e a abordagem de

uma Natureza forte, pura e genuína, responsável por quebrar o prosaísmo de uma leitura aparentemente trivial.

Unheimlich e o debate sobre a mimésis em Hoffmann

Para Sigmund Freud (1856-1939), o *Unheimlich* (estranho ou não familiar), ou seja, "elemento que amedronta", "pode mostrar-se algo reprimido que retorna"[2]. Logo, utilizando a novela "O homem da areia" como base literária para essa elucidação, o fundador da psicanálise considera que "Hoffmann é o mestre incomparável do estranho na literatura"[3], do medo traumático na infância que reverbera ao longo da vida da personagem. Nessa novela, o protagonista Natanael é repreendido por sua amada, Clara, pois ela crê "que todas essas coisas horríveis e apavorantes, relatadas por você [Natanael], existem apenas em sua imaginação,

[2] Freud, 1996 [1919], p. 152.

[3] *Idem*, p. 148.

e que a parcela de fatos reais e concretos é muito pequena"[4].

Desse modo, ao analisar essa declamação da personagem hoffmanniana, percebe-se que há incutida nela a já referida relação dicotômica, a espinhosa diferenciação entre aquilo que pode ser considerado como uma mimésis na obra ficcional, da realidade e os "'pressentimentos' que 'geralmente' se tornam realidade"[5]. Haveria uma conexão entre o advogado Coppelius e o vendedor ambulante Coppola? Seriam eles o Homem da Areia que amedronta o protagonista?

> Hoffmann já nos deixa em dúvida se o que estamos testemunhando é o primeiro delírio do apavorado menino, ou uma sucessão de acontecimentos que devem ser considerados, na história, como sendo reais. [...] muito daquilo que não é estranho em ficção sê-lo-ia se acontecesse na vida real. (FREUD, 1996 [1919], pp. 144-158)

Nesse mesmo âmbito, em "Cemitério de estrelas" há a descrição da narradora-protagonista que diz que "Eu estava em uma

[4] Hoffmann, 1988 [1816/1817], p. 15.

[5] Freud, 1996 [1919], p. 151.

nave. Ela era prateada, mas de alguma forma refletia em tons de roxo e verde"[6]. Nesse contexto, se esse conto for pensado sob o viés de Freud ao analisar os textos hoffmannianos, o leitor pode ser levado a questionar se há alguma coisa que foi narrada no conto que aconteceu de fato, dentro do âmbito ficcional. O interlocutor pode entrar em um instigante debate: o que veridicamente ocorreu e o que é mera imaginação dessa personagem que brinca com a questão do tempo? Talvez, pensando na dicotomia do verídico/imaginativo, essa seja a problemática central dessa obra curtíssima e nem por isso, menos complexa.

Ao seguir a leitura do conto, quando o leitor se depara com a enigmática situação da identidade da Vó, que chega a gerar um grande incômodo e dúvida, é que pode ser denotado o ápice da narrativa. Não obstante, esse é um momento curioso, dado que o elemento que conecta os indivíduos do conto é, metaforicamente, o "espelho desatualiza-

[6] cf. p. 26 deste livro.

do”[7], abrindo para inúmeras possibilidades de leitura e um imenso sentimento de estranhamento da personagem. Com a sugestão feita pela personagem do texto de Paula, volta à tona a observação freudiana sobre aquilo que não seria estranho na ficção, mas que ao ser transposto para a vida real, leva a questionar a mimésis, bem ao gosto da escrita de Holffmann.

A indissociação da poesia com a Natureza

Marcando presença na maioria dos textos que abarcam o fantástico, a Natureza remete a uma época pré-capitalista, pré-luminista e antiprosaica. E.T.A. Hoffmann demonstra isso de duas formas, sendo a primeira delas de maneira direta – “mas quando vier a época desgraçada, em que a linguagem da Natureza já não será compreensível à raça degenerada do homem, [...] será feito [somente] homem e condenado à mísera existência humana, suportará todas

[7] cf. p. 31 deste livro.

as suas tristes contingências"[8]. Ainda pensando no papel da Natureza, há a abordagem indireta – a ambivalência entre Anselmo e Verónica na novela "O vaso de ouro" –, importando-se sempre em valorizar essa Natureza poética em detrimento do mundo burguês.

Enquanto os protagonistas masculinos, como Anselmo e Baltasar, são verdadeiros idilistas e têm os elementos bucólicos como força motora de suas trajetórias, as suas respectivas amadas, Verónica e Cândida, podem ser denotadas como a representação "Longe daqui, longe de mim" da civilização mercantil, calcada nos ideais iluministas – de pensadores como Voltaire e Jean-Jacques Rousseau – e tendo o romance como alicerce no âmbito da Literatura.

Em decorrência dessas revoluções no continente europeu, o escritor prussiano preocupa-se em exibir essa transição da "existência de artes mágicas, capazes de exercerem secreta e terrível influência nas

[8] Hoffmann, 1988 [1819], p. 75.

criaturas”[9] – que, reiteradamente, é vinculada à Natureza. Isso pode ser visto na declamação do personagem André, em *O pequeno Zacarias, chamado Cinabre*, “Senhor [Pafnúcio]! Quem vos implora é o vosso mais fiel vassalo, que encerra no peito e na garganta as milhares de vozes de um pobre povo infeliz! – Senhor! Inaugurai o Século das Luzes neste reino!”[10].

O conto “A correnteza solar”, de João Lucas, possui também a dicotomia do verídico/fictício, referente à mimesis de Holffmann, que marca o conto anterior da obra *Descobertas do céu*. Contudo, no texto desse autor, a presença da Natureza é um elemento muito forte e marca pontos altos de lirismo. Um exemplo disso é a descrição feita acerca das personagens Toh’kan e Suh’ro, que são representantes de um povo que reflete, em seus cabelos, características de céus em diferentes circunstâncias.

Esses seres vivem em um mundo imaginado pelo autor e habitam um cenário maravilhoso em que a Natureza é a conexão

[9] Hoffmann, 1988 [1819], p. 102.

[10] Hoffmann, 1998 [1819], p. 17.

mais genuína que existe entre todas as ações e sentimentos que se passam no decorrer da narrativa. Nesse viés, absolutamente tudo é conectado por meio de elementos naturais, da existência à inexistência, tudo está à mercê de deuses dos fenômenos naturais que vivem de acordo com suas emoções, sendo isso claramente expressado por meio de raios, trovões, tempestades e luzes. Desse modo, Toh'kan, ao se tornar uma viajante do céu, que navega entre nuvens, será o maior vínculo de todos os mundos naturais existentes nesse conto.

Nesse contexto, pode-se afirmar que em "A correnteza solar", sob o olhar hoffmanniano, a Natureza desempenha um papel genuíno e puro, sem deixar espaço para que questões de ordem e valores sociais e prosaicos interfiram em sua trajetória. O que está destinado a ocorrer não depende de valores que não sejam os morais e esses estão subordinados apenas aos sentimentos. Dessa forma, a linguagem da Natureza, nesse conto, é compreendida mais com a intuição do que com a razão e é também a força motora de todos os personagens, algo defendido por Holffmann em seus contos fantásticos.

Conclusão: a desorientação como uma reconexão do personagem literário

Em suma, é por meio do efeito produzido por essas relações dicotômicas – uma confusão psíquica – que a personagem, em um diálogo consigo mesma, decide tomar certas decisões ou obtém uma autodescoberta de si. Logo, aquilo que anteriormente causava o sentimento de *Unheimlich* é, no desfecho das narrativas fantásticas de Hoffmann, a peça-chave para a reconexão ou não do protagonista, seja consigo próprio, seja com o mundo idílico e poético entremeado por elementos mágicos, seja com a amada – conjuntamente com a burguesia prosaica e pragmática que era dominante nessa Europa dos séculos XVIII-XIX.

Sendo assim, levando em conta os pensamentos hoffmannianos, é possível que o interlocutor encontre um caminho para a leitura e interpretação dos dois contos presentes nessa obra. Dessa forma, fica bastante claro que "Cemitério de estrelas" e "A correnteza solar" trazem em seu bojo personagens que fazem descobertas sobre si mesmas

e seus verdadeiros eus, podendo ou não se reconectar com seus verdadeiros seres, e que tudo isso é possível por meio do fantástico e maravilhoso.

Enfim, é valido lembrar que E.T.A. Hoffmann – que utilizou paisagens da vida real, em grande parte da Prússia, não fantásticas, fazendo com que seus leitores pudessem reconhecer o espaço narrado –, defende o *Kunstmärchen*. Esse, apesar de ser um conto de fadas artístico, pode ser mais proveitoso para a sociedade moderna do que os romances surgidos com o capitalismo, porque "neste reino, aberto pela fantasia em sonhos, procuras tu, ó bom leitor, reconhecer as figuras tuas íntimas que vagueiam em torno de ti na existência banal"[11].

Isso tudo pode ser encontrado nos contos de Paula e João Lucas, presentes nessa coletânea, tendo em vista que ambos também podem proporcionar esse encontro do leitor com suas próprias verdades e crenças. Porém, tu, leitor dessa obra, se apresse, antes que "tudo se misturando à atmosfera, [desapareça] como se fosse poeira"[12]. Destar-

[11] HOFFMANN, 1988 [1819], p. 34.

[12] cf. p. 34 deste livro.

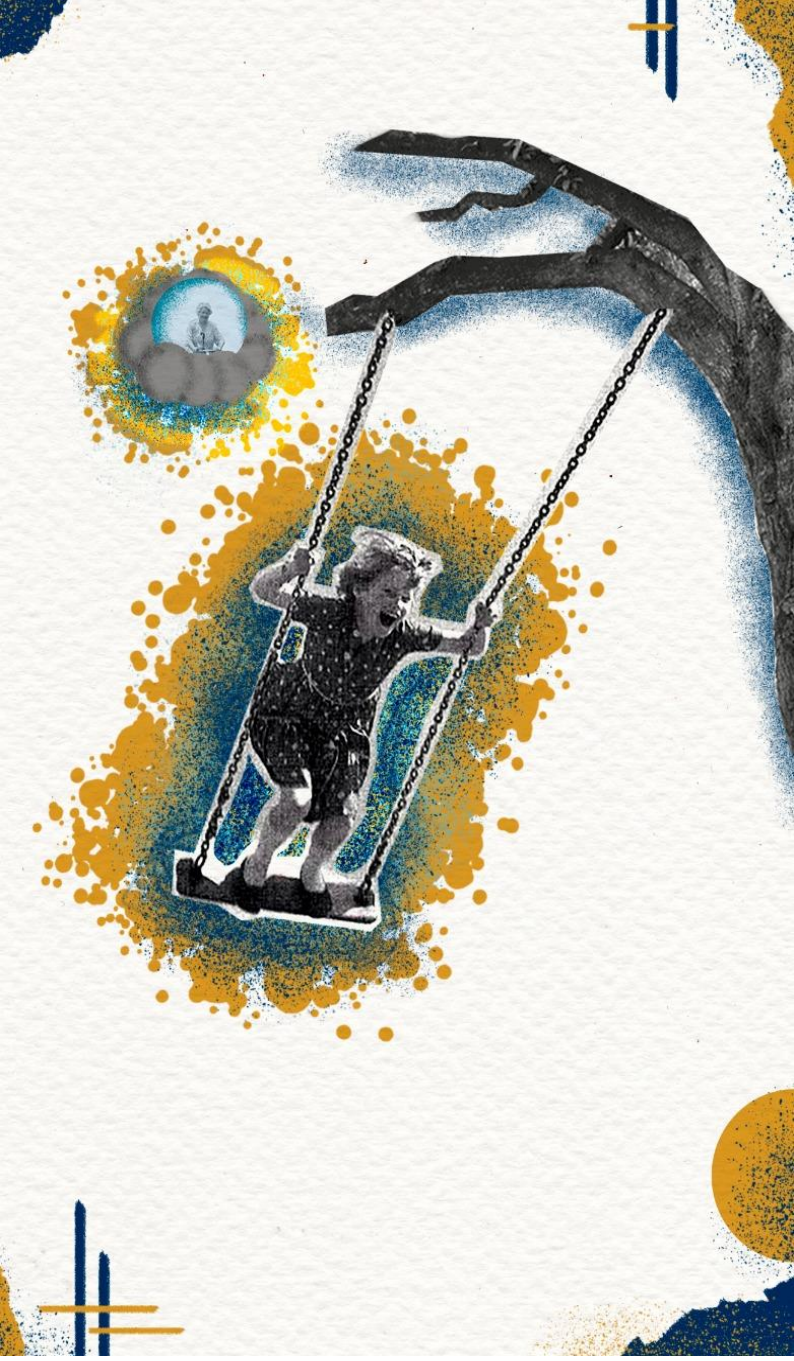
te, esse mundo fantástico, demasiadamente importante nos dois textos, é então consumido pela luz e, por conseguinte, "tudo sumiu dentro daquele vazio. Tudo. Todos os pensamentos cessaram"[13].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. "O estranho". In: *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1996 [1919].

HOFFMANN, E.T.A. "O homem da areia". In.: *O castelo mal-assombrado*. Trad. Ary Quintella. São Paulo, Círculo do Livro, 1988 [1816/1817].

_____. *O pequeno Zacarias, chamado Cinabre*. Trad. Marion Fleischer. São Paulo, Martins Fontes, 1998 [1819].

_____. *O vaso de oiro: uma lenda dos tempos modernos*. Trad. Maria Osswald. Lisboa, Veja, 1988 [1819].

[13] cf. p. 77 deste livro.